

Atena
Editora
Ano 2021



HISTÓRIA:

Consensos e dissensos engendrados

**DENISE PEREIRA
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora
Ano 2021



HISTÓRIA:

Consensos e dissensos engendrados

DENISE PEREIRA
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO
(ORGANIZADORAS)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

História: consensos e dissensos engendrados

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: consensos e dissensos engendrados / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-231-6
<https://doi.org/10.22533/at.ed.316212806>

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Espírito Santo, Janaína de Paula do (Organizadora). III. Título.
CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Quando lemos um bom texto e nos sentimos satisfeitos com a argumentação de qualquer autor a respeito de suas ideias, se parece coerente ou verossímil, isso acontece por que o autor ou autora foi bem sucedido em demonstrar suas ideias e sua metodologia, apresentando o seu paradigma. Mas pensar em paradigma ou ainda no que o teórico Jörn Rüsen chamou de matriz disciplinar vai além da qualidade argumentativa e metodológica das ideias de qualquer texto. Um paradigma funciona como uma espécie de base que é reconhecida por um número considerável de pesquisadores e em torno das quais muitas ideias, e hipóteses são apresentadas e testadas. São os diálogos entre os paradigmas e matrizes que ajudam o pesquisador no caminhar em busca da compreensão de questões sociais e históricas, quaisquer que sejam, que estejam movendo as pessoas que pesquisam e escrevem.

Dentro desses sistemas amplos, ou matrizes, que acabam movendo os diferentes profissionais e suas práticas, e que acabam por articular escolhas de formulação e pesquisas diversos, não podemos dizer que há sempre o consenso ou o caminho único, uma única teoria que prevaleça ou valide os olhares possíveis aos inúmeros objetos.

Justamente por sua natureza plural, o trajeto da pesquisa é permeado por consensos e dissensos... Ou seja, por mais que exista um núcleo comum em torno do método e dos valores de rigor em cada pesquisa, os diferentes caminhos possíveis marcam uma produção intelectual do campo em que multiplicidade deva ser reconhecida e respeitada como que realmente é: uma miríade de possibilidades válidas. Assim, é importante enquanto pesquisadores estarmos atentos e conhecermos a fundo tanto o que prevalece comum e consensual, como toda e qualquer possibilidade de falta desse consenso, como características da riqueza do conhecimento e da história, do fortalecimento do diálogo entre os pares e portanto, da própria ciência.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ELITE INTELECTUAL <i>ÁULICA</i> : JORNAIS, IDEIAS E OS SEUS REDATORES NA CORTE FLUMINENSE (1822-1831)	
Nelson Ferreira Marques Júnior	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3162128061	
CAPÍTULO 2	12
A FACE INVISÍVEL DAS MULHERES IMIGRANTES POLONESAS NO BRASIL	
Isabella Czamanski Rota	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3162128062	
CAPÍTULO 3	23
A POSSIBILIDADE DE LEITURA DO RELATO DE VIAGEM SOB A ÓTICA DO LUGAR DE MEMÓRIA	
Douglas Pastrello	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3162128063	
CAPÍTULO 4	31
A SANTA CASA DE MISERICÓRDIA E A RELAÇÃO COM O PROCESSO HIGIENISTA NA CIDADE DE TERESINA ENTRE OS ANOS (1852-1889)	
Nara Viviany Moura de Oliveira	
Kércia Andressa Vitoriano Gonçalves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3162128064	
CAPÍTULO 5	45
SENSORY EVALUATION OF FOOD AND ITS EVOLUTION OVERTIME	
Alice Vilela	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3162128065	
CAPÍTULO 6	59
CELEBRAÇÕES CÍVICAS REALIZADAS PELO GINÁSIO MUNICIPAL DE SERROLÂNDIA-BA NO PERÍODO DA DITADURA CIVIL-MILITAR (1964-1985)	
Marconey de Jesus Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3162128066	
CAPÍTULO 7	69
DESENVOLVIMENTO DAS POLÍTICAS E DOS CUIDADOS DE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA EM PORTUGAL	
Maria José de Oliveira Santos	
Elisabete Soares Ferreira	
Anabela Martins Pinto de Figueiredo	
Manuela Maria da Conceição Ferreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3162128067	

CAPÍTULO 8	81
DIVULGAÇÃO DAS CIÊNCIAS GEOLÓGICAS POR MEIO DA LINGUAGEM VISUAL: O PAPEL PEDAGÓGICO DO LIVRO DE TEXTO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX	
Heitor Assis Júnior Pedro Wagner Gonçalves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3162128068	
CAPÍTULO 9	97
GEOGRAFIAS DA REPRESSÃO POLICIAL - RELIGIOSOS DA FREGUESIA DE SANT'ANNA NO RIO DE JANEIRO (1890 – 1929)	
Valquiria Cristina Rodrigues Velasco	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3162128069	
CAPÍTULO 10	109
HISTÓRIA DO ENSINO DE HISTOLOGIA E DE PATOLOGIA	
Ana Margarida Calado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31621280610	
CAPÍTULO 11	121
HISTÓRIA DO LUGAR BRASIVIANO NA FRONTEIRA BRASIL – BOLÍVIA	
Francisco Marquelino Santana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31621280611	
CAPÍTULO 12	129
LEITURA DE MAPA: RELATO DE EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO COLÉGIO PRESIDENTE CASTELO BRANCO	
Anna Clara Barbosa de Sousa Nilda Aparecida Pascoal Rezende	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31621280612	
CAPÍTULO 13	142
“LEMBRAR-SE É TER UMA LEMBRANÇA OU IR EM BUSCA DE UMA LEMBRANÇA”: COLETÂNEA DE ENTREVISTAS DOS/AS MORADORES DE SÃO JOÃO DO PARAÍSO- MASCOTE BAHIA	
Luciara Santos dos Anjos Maria Sandra da Gama	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31621280613	
CAPÍTULO 14	152
O ASSUNTO-ÔNIBUS EM PROGRAMAS DE DEBATE NO JORNALISMO ESPORTIVO	
André Ricardo Carbone Egle Müller Spinelli	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31621280614	

CAPÍTULO 15	164
O CONCEITO DE DERIVADA NOS PROGRAMAS OFICIAIS DE MATEMÁTICA DO SÉCULO XX	
Ana Paula Florêncio Aires	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31621280615	
CAPÍTULO 16	177
O GUETO HOMOSSEXUAL E O TEXTO <i>SAINDO DO GUETO</i> DO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA	
Vinícius Potrich de Souza Macedo Gonçalves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31621280616	
CAPÍTULO 17	186
O HOLODOMOR E SUAS REPRESENTAÇÕES A PARTIR DO JORNAL <i>CHLIBOROB</i>	
Henrique Schlumberger Vitchmichen	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31621280617	
CAPÍTULO 18	196
O <i>SALTÉRIO DE LUTTRELL</i> (C.1345): POSSIBILIDADES DE ESTUDO	
Jaime Estevão dos Reis	
Giovanni Bruno Alves	
Vinicius Tivo Soares	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31621280618	
CAPÍTULO 19	206
O VALE DO RIO TAQUARI COMO ANTRO DE “NEONAZISMO”?	
René Ernaini Gertz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31621280619	
CAPÍTULO 20	218
POBRES E DESVALIDAS: CLAMOR E CARIDADE NAS SÚPLICAS DAS MÃES DA SECA EM TERESINA (1877-1879)	
Kércia Andressa Vitoriano Gonçalves	
Nara Viviany Moura de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31621280620	
CAPÍTULO 21	227
QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES NO INTERIOR BAIANO: A PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO NA CIDADE DE GUANAMBI-BA	
Nivalda Pereira Coelho	
Felipe Eduardo Ferreira Marta	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31621280621	

CAPÍTULO 22	234
SÃO JERÔNIMO: BREVE HAGIOGRAFIA Maria Cristina da Silva Martins  https://doi.org/10.22533/at.ed.31621280622	
CAPÍTULO 23	245
SOIL SCIENCE: FROM BABYLON TO THE PRESENT Manuel Teles Oliveira  https://doi.org/10.22533/at.ed.31621280623	
CAPÍTULO 24	255
TRICENTENÁRIO DA ESCRAVIDÃO: A IMPORTÂNCIA DA AQUISIÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA PARA A SENSIBILIZAÇÃO DO EDUCANDO Diogo da Silva Roiz Mirian Roberta Fernandes Pereira  https://doi.org/10.22533/at.ed.31621280624	
CAPÍTULO 25	269
UM OLHAR SOBRE O URBANISMO E EDIFICAÇÕES NO MEDIEVO Damião Amiti Fagundes  https://doi.org/10.22533/at.ed.31621280625	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	282
ÍNDICE REMISSIVO	283

UM OLHAR SOBRE O URBANISMO E EDIFICAÇÕES NO MEDIEVO

Data de aceite: 23/06/2021

Damião Amiti Fagundes

Professor da rede pública da ensino no Estado do Espírito Santo (SEDU), professor do Curso de Licenciatura em História, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre-ES e mestre em Ciências da Educação (Universidad San Carlos, PY)

RESUMO: O presente artigo visa fazer uma revisão de literatura sobre a urbanização e as principais edificações do medievo, durante o período da História Universal conhecido como Idade Média. Tal monte faz-se necessário na medida em que ao longo do desenvolvimento dos períodos históricos, em especial da época medieval, para atender a demanda de construções de castelos e casas, a Engenharia Civil, ainda que pouco eficiente, contribuiu para resolver as necessidades de habitação e de organização urbanística naquele período. Conclui-se que na medida em que ocorreu o aprimoramento de materiais utilizados nas construções das cidades medievais, a urbanização foi modificada e adaptada às transformações que ocorriam no campo político, econômico e social e que analisar a história das artes a partir das construções ainda existentes é uma forma do professor ampliar o conteúdo em sala de aula e promover uma maior relação dos alunos com a realidade daquele período histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Urbanismo. Idade Média. Cidades.

ABSTRACT: This article aims to review the literature on urbanization and the main buildings of the media, during the period of Universal History known as the Middle Ages. Such a hill is necessary to the extent that throughout the development of historical periods, especially of medieval times, when to meet the demand for castle and house constructions, civil engineering, although inefficient, contributed to meet the need for housing in that period. It is concluded that to the extent that there was the improvement of materials used in the constructions of medieval cities, urbanization was being modified and adapted to the transformations that occurred in the political, economic and social field.

KEYWORDS: Urbanism. Middle Ages. Cities.

1 | INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a Idade Média vêm passando por várias revisões historiográficas nos últimos anos, incorporando novos estudos, contudo, ao trabalhar o conteúdo relacionado à História das Artes, os professores precisam contextualizar a representatividade de alguns estilos de arquitetura que marcam características da era medieval.

Este artigo tem como objetivo analisar como as construções arquitetônicas do período do medievo podem ser interpretadas pela História das Artes, contextualizando o período e retratando significados de um tempo histórico.

O método do estudo é a revisão de literatura com base em autores que estudam o

período histórico da Idade Média e na própria história da arquitetura, além de busca de imagens para ilustrar as construções daquele período.

A História da Engenharia Civil se confunde com a História da evolução da Ciência e das Técnicas da humanidade. Desde a origem das primeiras civilizações da Antiguidade, a utilização de matérias para construções de casas, fortificações ou canalizações de córregos e rios para o abastecimentos dos locais, levou ao homem a desenvolver técnicas que o permitisse melhorar seu cotidiano e o bem-estar social.

É através do aprimoramento de materiais e técnicas que as edificações vão ganhando novas formas e representando, ao mesmo tempo, o contexto histórico sobre o qual estão sendo projetadas.

O estudo do tema se justifica pela necessidade de professores da educação básica inserirem em seus estudos e na prática em sala de aula, as novas tendências da historiografia medieval.

2 | A ARQUITETURA NA ANTIGUIDADE

Antes de apresentar o desenvolvimento das construções arquitetônicas na Idade Média, que é o objeto de análise deste artigo, é necessário compreender um pouco da história antes, na Antiguidade, até para que se compreenda parte de suas influências presentes nas construções medievais.

É possível afirmar a substancial importância da Engenharia Civil como parte do desenvolvimento de grandes civilizações desde a antiguidade.

De acordo com pesquisas do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP:

As obras mais antigas de que se tem notícias são as fortificações da cidade de Jericó, construídas aproximadamente há 8.000 anos a. C. Nessa época, os materiais mais utilizados para construções eram as pedras. Por volta dos anos 3.000 a. C., na Mesopotâmia, os sumérios utilizavam tijolos de barro cozido nas construções (INEP, 2010, p.23).

É possível observar na Figura 1, um Zigurate, exemplo de construção de milênios de anos, bastante reproduzida em livros didáticos, site e blogs referindo-se às construções da antiguidade.

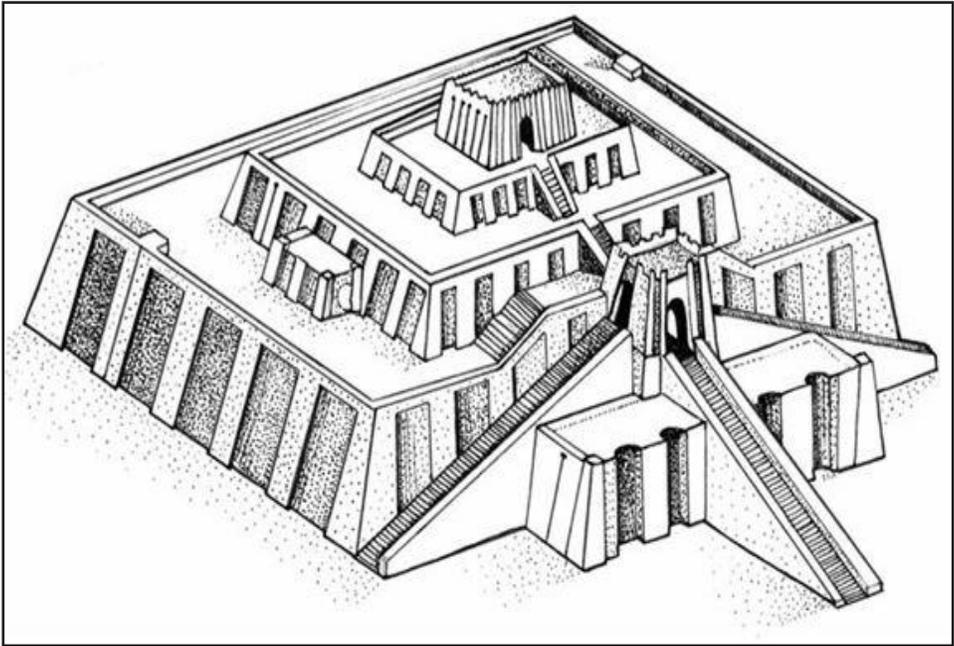


Figura 1: Zigurate (Arquitetura Mesopotâmica).

Fonte: Site Cola da Web.

Foi na Antiga Grécia, por exemplo, que iniciou-se a utilização de cimento hidráulico como revestimento dos grandes monumentos arquitetônicos, voltados para os reis e as classes ricas dos patrícios e da nobreza. Os pobres, homens livres e escravos que eram a maioria, continuavam em suas casas feitas sem projetos arquitetônicos, sem a orientação dos grandes mestres de obras e homens sábios que eram os engenheiros da época. A engenharia estava na categoria de arte, só tornaria-se uma ciência muitos séculos depois, já na época Moderna, por volta do século XVII d. C.

A figura 2 apresenta um modelo arquitetônico da Grécia Antiga.



Figura 2: Aspecto exterior do Panteão de Atenas, na capital da Grécia.

Fonte: Site Toda Matéria.

O Coliseu, apresentado na Figura 3, embora hoje esteja parcialmente arruinado devido a terremotos e saques, exemplifica um dos principais símbolos da arquitetura do Império Romano:



Figura 3: Coliseu (Roma, Itália).

Fonte: Educa mais Brasil.

A arquitetura romana foi caracterizada pelo luxo, sentido de utilidade de seus monumentos, com uma variedade de edifícios e soluções arquitetônicas sofisticados, cujas principais características eram as construções sólidas, luxuosas, sóbrias e funcionais,

utilização de arco nas construções e uso das abóbadas.

Com o passar dos séculos a arte da engenharia desenvolveu-se com o avanço do conhecimento humano, principalmente a especialidade da Engenharia Hidráulica e Militar.

3 I CONTEXTUALIZAÇÃO DO PERÍODO DA IDADE MÉDIA

A Idade Média é o período compreendido entre os séculos V e XV, que se divide em em duas fases: a Alta Idade Média e a Baixa Idade Média.

Durante o período da Idade Média a Igreja Medieval Católica exercia uma influência muito grande na sociedade. Mais adiante será possível observar que a arquitetura medieval é bastante religiosa.

A sociedade medieval era bastante estratificada e com suas bases fundadas em relações feudais, com uma camada nobre, que eram os donos de terras, chamados de feudos, tinha o direito de explorar o trabalho no campo, e de outro lado, os camponeses e servos que trabalhavam nas terras e recebiam pagamento tributário, e o clero, que eram os membros da Igreja Católica (integrantes da igreja local e monges).

A nobreza era composta em uma relação hierárquica de vassalos, que eram os nobres inferiores economicamente, os quais ofereciam mão de obra e fidelidade ao suserano. E os suseranos que são justamente os economicamente fortes que doavam benefícios.

A queda do império romano por volta de 476 d. C, quando os bárbaros tomaram o poder na Europa Ocidental, ficou conhecido como o marco do início da Idade Média, que vai de 476 a 1453. Nessa época houve uma fuga da população para o interior e deu-se o processo de ruralização europeia. Pode-se dizer que a população se limitava à vida simples no campo e ao trabalho servil em função de atender os senhores feudais.

3.1 Alta idade média e baixa idade média

A Alta Idade Média, conforme historiadores como Le Goff (1980) e Pernoud (1997), foi o período em que se constituiu o sistema denominado feudalismo, um modelo de organização social de relações entre suserano e vassalos, economia agrária e sociedade rural estratificada.

Nesse contexto da ruralização na Europa foi que se deu a formação dos chamados reinos feudais. No Império Romano o imperador detinha todo o poder central, no novo sistema feudal houve a fragmentação e descentralização do poder político e econômico.

Os senhores feudais, donos de terras, tinham total direito sobre os seus feudos, ou seja, suas grandes propriedades de terras eram cultivadas pelos servos e camponeses e o lucro era deles, os senhores. O clero era basicamente a organização Católica Medieval, responsável pelo zelo espiritual da sociedade, contudo exercia forte influência sobre esta.

Por muitos anos a Europa ficou mergulhada em guerras, períodos de fome e no

trabalho árduo dos camponeses e servos, que fortaleciam, especialmente, as classes senhoriais, clerical e nobreza.

Já a Baixa Idade Média trata-se do período compreendido entre os séculos XI e XII em que se deu o grande crescimento populacional, com as inovações agrícolas e o surgimento das relações comerciais. Esse período compreende do século XI ao XII.

A grande transformação ocorre no século XII, momento de maior estabilidade econômica e social em toda a Europa Ocidental, onde as guerras foram minimizadas e pode florescer um comércio entre os colonos e os habitantes dos burgos.

Alguns historiadores, como Proença (2010), salientam que este foi o início de um novo momento histórico medieval:

(...) tem início uma economia fundamentada no comércio. Isso faz com que o centro da vida social se desloque do campo para as cidades e apareça a burguesia urbana. Novamente é a cidade o lugar onde as pessoas se encontram, trocam informações e ampliam seus contatos (PROENÇA, 1998, p.62).

Na Baixa Idade Média surge uma legislação mais organizada, os contratos comerciais, a contabilidade, fabricação de moedas de ouro, tudo marcando um cenário de grande desenvolvimento comercial.

É nesse contexto, conforme narram os historiadores citados, que surgiram os burgos, que são as primeiras constituições de cidades de que se tem notícia. É nesse contexto também que surgem as construções da arquitetura medieval, como igrejas, basílicas, catedrais, mosteiros, marcando as características religiosas pela influência e poder que a Igreja exercia na Idade Média.

4 | A ARQUITETURA NA IDADE MÉDIA

A Idade Média marca um pequeno aperfeiçoamento da Engenharia, como salienta alguns autores, passaram-se a utilizar materiais como concretos de pedregulhos e argamassa de cal para construções de castelos e mosteiros na Idade Média (INEP, 2010).

Com o desenvolvimento do comércio ocorrido na Baixa Idade Média, houve também o crescimento demográfico europeu e nesta fase, pode-se dizer que ficou marcado o início das cidades. Embora o nascimento das cidades seja um aspecto muito controvertido pelos historiadores.

Com o crescimento demográfico, a cidade medieval, de início uma cidade estritamente campesina, reflexo da sociedade feudal, pouco a pouco vai tomando um papel que se contrapõe ao feudalismo, especialmente após o aparecimento da burguesia (ABICO, ALMEIDA e BARREIROS, 1995, p.29).

Ressalta-se que com o crescimento do comércio e o surgimento de uma classe economicamente abastada, sendo esta, a classe social que habitava os monumentais castelos, locais de entretenimento e moradia, é um momento propício para se considerar

como o surgimento das cidades.

Destaca-se ainda a necessidade de construírem as grandes fortificações para proteção contra as invasões de povos inimigos. Mais uma vez a Engenharia Civil se faz presente tanto nas construções palacianas como nas fortificações daquela época.

Macedo (2007) relata o seguinte sobre os estudos do período do medievo:

O universo medieval pode ser retratado, contudo, por meio da iconografia, quer dizer, das imagens de pinturas e esculturas, e da arquitetura. Na Idade Média, ninguém duvidava que, além de serem belas, as obras de arte tinham também uma função didática. Na opinião dos letrados, aquilo que as pessoas simplesmente não pudessem entender por meio da escrita, deveria ser aprendido com as figuras. Para Honório de Autun, respeitável pensador do século XII, o objetivo da pintura era triplo: servia, antes de tudo, para embelezar a casa de Deus (as igrejas); mas também para rememorar a vida dos santos e por fim, para o deleite dos incultos, porque a pintura, em suas palavras, era a "literatura dos laicos". As imagens, desse modo, revestiam-se de caráter educativo, pedagógico. A linguagem adotada procurava colocar em evidência símbolos e signos dotados de mensagens explícitas, traduzindo o sistema ideológico do qual a Igreja se fazia a guardiã (MACEDO, 2007, p.120).

A Carcasone, que fica no sul da França, na fronteira com a Espanha, apresentada na Figura 4, é um exemplo de fortificação que marcou o surgimento das cidades na Idade Média.



Figura 4: Fortificação.

Fonte: Site - Guia Viajar Melhor.

O historiador Franco Júnior (2001), em suas pesquisas, salienta sobre o período medieval o seguinte:

Nos sete primeiros séculos medievais, toda moradia, de nobres ou de camponeses, era feita de madeira. Apenas os palácios monárquicos e as igrejas, e nem todos, podiam ser erguidos em pedra. O plano interno era simples, geralmente com um único cômodo — maior ou menor conforme a categoria social do proprietário e o número de moradores — no qual se desenvolvia toda a vida familiar. Ali se nascia, ali se cozinhava, ali se comia, ali se amava, ali se dormia, ali se morria. No máximo, uma espécie de cortinado separava precária e provisoriamente os espaços. Com a feudalização da sociedade a partir do ano 1000 e a necessidade de regionalizar a defesa, muitos castelos foram levantados por toda parte. Sua função militar levava-os a ser construídos sobre uma elevação, natural ou artificial, e a estar cercados de muralhas ou fossos. Destacavam-se, portanto, dos demais edifícios locais (FRANCO JÚNIOR, 2001, p.183).

Esta diferença entre as edificações só viria a ser nítida na Baixa Idade Média, quando os nobres passaram a utilizar a pedra em suas construções. Nas palavras de Franco Júnior (2001):

Os grandes castelos de pedra que podemos visitar ainda hoje ou são posteriores ou pertenciam a grandes personagens, reis, duques, condes. Ainda assim, o espaço interno era multifuncional. Apenas na Baixa Idade Média os diferentes aposentos foram clara e definitivamente separados, materialização arquitetônica do espírito individualista que se desenvolvia desde o século XII. A ocupação daqueles espaços era pobre: arcas para guardar diferentes objetos e que serviam também de bancos, cavaletes e tábuas que eram montados quando se precisava de mesa, uma cadeira de espaldar alto colocada sobre um estrado no caso de castelo de um senhor importante. O piso de terra batida ou pedra e as janelas estreitas por motivo de segurança tornavam o interior dos castelos frio e escuro (FRANCO JÚNIOR, 2001, p.183).

Os castelos, casas e moradias refletem a ocupação do espaço topográfico e geográfico da cidade, onde muitas vezes os ricos senhores feudais construía seus castelos, casas e igrejas, edificados em uma topografia irregular. Tudo isto representava uma questão de defesa de possíveis inimigos vizinhos ou estrangeiros que vinham de lugares distantes para pilharem as cidades e seus cidadãos.

Neste sentido, a urbanização das cidades medievais era precária e pouco atendia às necessidades básicas dos seus moradores.

Abico, Almeida e Barreiros (1995), estudando sobre a topografia espacial das cidades medievais, narram o seguinte:

Em relação ao traçado medieval, (...) fato de ter, muitas vezes, que se adaptar a uma topografia irregular condicionou a fisionomia especial e o pitoresco da cidade medieval. O traçado das ruas tinha que resolver as dificuldades da localização, o que fazia com que elas fossem irregulares e tortuosas. As ruas importantes partiam em geral do centro e dirigiam-se radialmente para as portas do recinto fortificado. Outras ruas secundárias, frequentemente em círculo a volta do centro, ligavam as primeiras entre si. Em linhas gerais, este padrão, chamado radio concêntrico, repete-se muito na cidade medieval" (ABICO, ALMEIDA e BARREIROS, 1995, p.32).

Sobre o aspecto urbanístico podemos então destacar que as cidades medievais, por suas características de construções desordenadas, sob terrenos muitas vezes íngremes e perto de vales fluviais, pouco contribuíram para um ordenamento urbanístico que favorecesse os seus habitantes com um acesso rápido e salubre.

Sobre a forma como as cidades medievais representavam as características sociais daquele tempo destaca-se a seguinte narrativa:

O importante, nas cidades medievais, não era apenas o quão rica era uma família, mas também a forma como ela utilizava a sua riqueza. E fazia parte do conjunto de obrigações não escritas do grupo dominante o cuidado com os pobres, com a defesa e manutenção das cidades. Desta forma os mecanismos de exercício de poder proporcionavam uma espécie de “distribuição de riqueza”⁴⁴, base do acordo entre dirigentes e dirigidos. E nisso, talvez, resida uma das maiores diferenças entre as sociedades urbanas pré-industriais e as posteriores (ALMEIDA, 2000, p.17).

Nessa fase de crescimento das cidades e de luta pela sobrevivência, as cidades representavam o desenho delineado pelo poder do Estado Feudal, construído por uma cidade que se mostrava aos seus visitantes e moradores, como precárias e sofríveis; com suas ruas mau cheirosas, esgotos abertos por todo lado e muita sujeira.

Diante desse cenário, ao trabalhar com esta temática deve-se procurar repensar os aspectos urbanos como um mundo construído por meio de uma ideologia dominante, nesse caso, a religiosa que não valorizava a higiene pessoal e nem a nobreza feudal tinha controle sobre os dejetos que eram produzidos diante do crescimento das cidades. Por outro lado, graças ao crescimento das cidades é que a liberdade impôs novos costumes aos seus cidadãos.

Pernoud (1997) narra sobre a pressa da organização e seus reflexos na origem das cidades:

Seja como for, o que é comum a todas as cidades é o empenhamento que puseram em fazer confirmar essas preciosas liberdades que acabavam de adquirir e a sua pressa em se organizarem, em pôrem por escrito os seus costumes, em regular as suas instituições sobre as necessidades que lhes eram próprias. Os seus usos diferem conforme aquilo que faz a especialidade de cada uma delas: tecelagem, comércio, forragens, curtumes, indústrias marítimas ou outra. A França conservaria durante todo o Antigo Regime um carácter muito especial devido à existência destes costumes particulares a cada cidade, fruto completamente empírico das lições do passado, e, além disso, fixados com toda a independência pelo poder local, portanto o mais possível de acordo com as necessidades de cada uma. Esta variedade, de uma cidade para a outra, dava ao nosso país uma fisionomia muito sedutora e das mais simpáticas; a monarquia absoluta teve a sabedoria de não tocar nos usos locais, de não impor um tipo de administração uniforme; foi uma das forças — e um dos encantos — da França antiga. Cada cidade possuía, num grau difícil de imaginar nos nossos dias, a sua personalidade própria, não somente exterior, mas interior, com todos os detalhes da sua administração, em todas as modalidades (PERNOUD, 1997, p.49)

O estilo marcante na arquitetura medieval é o românico, que surge na Itália e na França e se desenvolve na Alta Idade Média (entre os séculos XI e XIII) na Europa, com suas construções feitas em pedra, agregando características singulares como a espessura das paredes, pouca iluminação nos interiores e poucas janelas.

O estilo românico responde a muitas variantes que marcam a localidade e o momento histórico das construções. Para Le Goff a arte românica é tanto produto como expressão do desenvolvimento da cristandade na era medieval.

Contudo, alguns aspectos são basilares para se fazer a definição de um estilo românico. Conti (2004) cita quatro características principais, sendo elas: Igrejas, a cobertura em abóbada, que além do motivo estilístico representou um avanço da arquitetura ocidental, construções extremamente maciças e articuladas com pequenas e escassas janelas; demonstração de uma hierarquia entre as artes: a pintura, escultura e por último o mosaico.

Estas características possibilitam, segundo o autor, reconhecer uma construção de estilo românico.

As igrejas eram com um formato de cruz, tinha um único portal de entrada. Usava-se abóbodas e arcos de volta-perfeita nos interiores pouco ornados.

A Igreja de Notre-Dame, na França, apresentada na Figura 5, é um exemplo desse estilo.



Figura 5: Igreja de Notre-Dame (França).

Fonte: Site Toda Matéria.

Não se pode resumir melhor a natureza da vida urbana medieval sem citar um grande historiador das cidades medievais, Pirenne (1977), o qual considera que a economia urbana é digna da arquitetura gótica de que dispõe.

A arquitetura românica apresenta um caráter mais austero e inflexível, formada de planos maciços e fortes, com construções em padrão horizontal.

O estilo gótico surge na França e faz paralelo com o estilo romântico que era herdado do Império Romano, podendo ser considerado um marco da cultura medieval que se desenvolveu na Baixa Idade Média entre os séculos XII e XV.

Na arquitetura gótica, as construções são geralmente mais altas, e tem uma verticalidade, que se contrapõe à horizontalidade românica, isto demonstra uma necessidade de se estar mais perto de Deus.

Foram muitas as igrejas construídas nesse estilo gótico, parte delas existem até hoje, como a Basílica de Saint Denis, na França, apresentada da Figura 6:



Figura 6 - Basílica de Saint Denis, na França.

Fonte: Site Toda Matéria.

Conforme já narrado a Idade Média é marcada pela criação de uma legislação social mais completa do que em qualquer outra época, inclusive do que a atual. Assim assegurava-se aos burgueses o benefício de uma vida barata, suprimindo intermediários entre vendedores e compradores; combatendo veementemente as fraudes e protegendo os trabalhadores da concorrência e da exploração a partir da regulamentação do seu trabalho e de seu salário, velando também pela higiene e aprendizagem dos trabalhadores, além de

proibir o trabalho da mulher e das crianças.

Dessa forma, como destaca Pernoud (1997, p. 59): “ao mesmo tempo conseguiu reservar para a cidade o monopólio de fornecer com os seus produtos os campos envolventes e de encontrar lá longe saídas para o seu comércio” (PERNOUD, 1997, p. 59).

Com o crescimento das cidades e o florescimento do comércio na Idade Média, a arquitetura urbana foi modelando a paisagem com castelos e projetos arquitetônicos cada vez mais arrojados.

CONCLUSÃO

Como foi destacado no estudo, as transformações técnicas pelas quais passaram as civilizações ao longo da história se confundem com a história da Engenharia. Embora ela só tenha surgido na Modernidade enquanto profissão e campo de estudo, com suas diferentes áreas e divisões.

No período medieval, dito para muitos pesquisadores como um momento de “trevas” e de pouco desenvolvimento tecnológico, as obras tanto públicas como as residências se faziam presentes, apesar dos problemas de organização e de expansão desordenada das áreas urbanas é possível relacionar o desenvolvimento da época com o desenvolvimento das construções analisando como elas representam o contexto social vigente.

Um ponto que se destaca é uma desorganização desde o surgimento das cidades. Ainda hoje conservamos muitos dos problemas encontrados nas cidades medievais, e que necessitam de um reordenamento do tecido espacial das cidades, principalmente nos grandes centros, para que se tenha uma urbanização voltada para o bem-estar social dos cidadãos, o que sugere, que ao abordar estudos sobre esse período histórico, se busque também relacionar aspectos locais, do nosso país e de outros países, como se fez no presente estudo tomando por base a Europa que foi o polo de maior desenvolvimento da arquitetura medieval.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cybele Crossetti de. Topografia e estratificação social: representações e mecanismo de poder na cidade medieval. Revista Anos 90: **Revista do PPG em História/UFRGS**, Porto Alegre, n.14, dezembro de 2000, p. 294-311. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gtestudosmedievais/artigos/topografia.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

ABICO, Alex Kenya; ALMEIDA, Marco Antonio; e BARREIROS, Mário Antonio Ferreira. **Urbanismo: História e desenvolvimento**. USP, Departamento de Engenharia de Construção Civil, 1995.

COLA DA WEB. **Arquitetura Mesopotâmica**. Disponível em: <<https://www.coladaweb.com/artes/arquitetura/arquitetura-mesopotamica>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

CONTI, Flávio. **Como reconhecer a arte românica**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001, p 273. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/veralima/historia_arte/Hilario-Franco-Jr-A-Idade-Media-PDF.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2021.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira – INEP. **Trajatória e estudo da arte da formação em engenharia, arquitetura e agronomia**/Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, Brasília: 2010.

LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1980.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2005.

MACEDO, José Rivair. **Repensando a Idade Média no ensino de História**. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2007.

PERNOUD, Regine. **Luz sobre a idade média**. São Paulo, Europa América PT, 1997.

PIRENNE, Henri. **As cidades da Idade Média**. Lisboa: Europa-América, 1977.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Ática, 1998.

RAMALLO, Germán. **Saber ver a Arte Românica**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

TODA MATÉRIA. **Arte Grega**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/arte-grega/>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

_____. **Arquitetura Romana**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/arquitetura-romana/>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

DENISE PEREIRA - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Especialista em Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento (CENSUPEG). Especialista em Docência do Ensino Superior, Gestão e Tutoria Ead e Especialista em Gestão Educacional. (FABRAS) Graduada em História (UEPG) e Graduada em Pedagogia (IBRA)

JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO - Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (2018), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2005), graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2001). Atualmente é professora assistente da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Amazônia boliviana 121
Análise de dados sensoriais 46
Atividades práticas 129, 136, 137, 140, 141, 266
Áulicos 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 10

C

Celebrações 59, 61, 64, 65
Ciência 33, 81, 83, 109, 111, 115, 118, 119, 245, 262, 270, 271
Cientista sensorial 46
Código penal 97, 98, 105, 106
Consumidor 46
Cuidados de saúde 69, 71, 75, 79
Cultura 2, 8, 10, 12, 14, 16, 22, 25, 27, 28, 29, 30, 44, 62, 101, 105, 121, 128, 151, 155, 156, 170, 171, 176, 182, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 263, 266, 279, 282

D

Ditadura 59, 60, 61, 63, 65, 66, 67, 68, 168, 169, 178, 184

E

E-nose 45, 46, 54, 55
E-tongue 45, 46, 55
Elite intelectual 1, 5, 6, 7, 8, 9
Ensino 7, 60, 62, 63, 64, 67, 68, 69, 76, 78, 82, 94, 95, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 141, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 215, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 266, 267, 268, 269, 281, 282
Ensino fundamental 129, 130, 131, 134, 258

G

Georreferenciamento 97
Ginásio Municipal de Serrolândia 59, 60, 61, 62, 63, 65, 67

H

Histologia 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118

I

Identidade 2, 11, 12, 21, 22, 27, 29, 113, 121, 122, 125, 126, 127, 137, 174, 175, 178, 183,

185, 194, 198, 258, 260, 264, 266, 267

Imigração 12, 14, 18, 19, 22, 78, 193, 194, 209, 212

Imprensa 1, 2, 4, 5, 7, 9, 10, 11, 122, 153, 155, 157, 158, 160, 162, 177, 178, 179, 185, 186, 192, 193, 194, 207, 208, 210, 212, 216, 237

L

Leitura de mapas 129, 130, 131, 132, 134, 141

Lugar 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 33, 42, 99, 103, 106, 115, 121, 122, 125, 126, 127, 128, 134, 135, 136, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 160, 165, 174, 175, 183, 203, 208, 219, 228, 232, 239, 242, 259, 261, 263, 266, 274

Lugar de memória 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 143, 144, 150

M

Medicina 8, 98, 109, 110, 113, 115, 116, 117

Memória 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 43, 61, 63, 67, 142, 143, 144, 145, 146, 150, 151, 162, 187, 193, 194, 217, 228, 229

Microscópio 109, 111, 113, 114, 115, 116, 117

Mulheres 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 41, 42, 61, 68, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 98, 100, 101, 105, 110, 149, 179, 180, 183, 184, 198, 218, 219, 220, 224, 225, 227, 228, 229, 231, 232, 233, 238

P

Patologia 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

Políticas 1, 2, 3, 4, 7, 9, 15, 38, 60, 64, 65, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 79, 111, 179, 181, 184, 190, 191, 255, 256, 259, 260, 264

Práticas cívicas 59, 60, 62, 63, 64, 65, 67

R

Relatos de viagens 23, 25, 27

Repressão policial 97, 100, 105

Reprodutiva 69, 70, 71, 73, 74, 75, 78, 79, 229

Rio de Janeiro 1, 6, 8, 10, 11, 22, 30, 43, 67, 78, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 128, 141, 150, 161, 162, 163, 177, 179, 180, 184, 185, 226, 268

S

Salubridade 31, 32, 33, 36, 38, 39, 42

Santa Casa de Misericórdia 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42

Saúde sexual 69, 70, 71, 73, 75, 76, 78, 79

Seringueiros brasivianos 121

T

Teresina 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 218, 219, 220, 222, 224, 226

Atena
Editora

Ano 2021



HISTÓRIA:

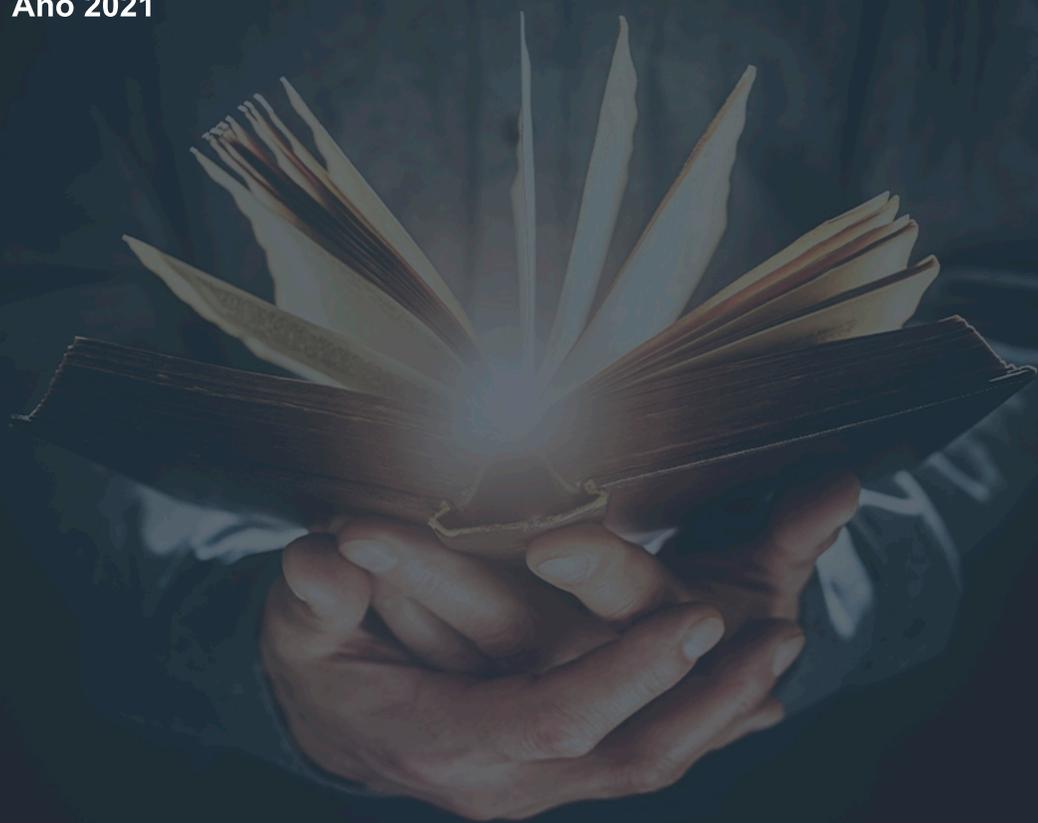
Consensos e dissensos engendrados

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 [facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



HISTÓRIA:

Consensos e dissensos engendrados



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



[facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)